

A QUESTÃO DA AUTENTICIDADE COMO DISCURSO VERDADEIRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS PARA NEGÓCIOS

Carolina Andrade Ramalhoⁱ

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar e discutir como os livros didáticos (doravante LDs), e neste caso, os livros didáticos britânicos de inglês para negócios (LDINs), trabalham a noção de conteúdo autêntico e como esse conceito funciona produzindo certas representações e estabilizando sentidos. Entendemos que há discursos na sociedade considerados como verdadeiros, como por exemplo o jornalístico e o científico. Igualmente, o discurso didático funciona como fonte de verdades inquestionáveis que silenciam outros discursos, pois não possibilitam um questionamento, fechando sentidos.

Palavras-chave: Livro didático; material autêntico; inglês para negócios; representação; ensino de inglês.

Abstract: The objective of this article is to analyze and discuss how didactic books and, in this case, English business books, deal with the question of 'authentic content' and how this concept works producing certain representations and stabilizing meanings. Our contention is that there are discourses in society considered as 'the truth', like the journalistic and the scientific ones. Likewise, the didactic discourse works as a source of unquestionable truths that silence other discourses, once they do not arouse questioning, but just constitute closed meanings.

Keywords: Didactics books; authentic material; business English; representation; English teaching.

1. Introdução

A verdade é pressuposta em certos discursos em nossa sociedade. O discurso científico e o jornalístico, por exemplo, são tidos como os locais da verdade, ou seja, como discursos daquilo que é certo, irrefutável. Os livros didáticos também são vistos dessa maneira, ou seja, o que se ensina é o correto. Esses discursos constituem-se, portanto, em 'regimes de verdade', que nas palavras de FOUCAULT (1979a: 12) são:

os tipos de discurso que a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; os status daqueles que

estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro, “as condições que fazem possível a instauração e manutenção de um saber”.

Segundo o autor, toda verdade tem um funcionamento próprio que ocorre graças a condições que permitem sua instauração e manutenção. O LD é considerado um discurso de verdade ou pureza, um local sem ideologia, onde somente a língua como ferramenta ou código será veiculada e ensinada. Seu conteúdo é visto como imparcial, neutro, fonte fiel de referência, lugar de instauração de conhecimento inquestionável. A aceitação do livro didático na sociedade é ampla, já que é tido como o local da verdade. A partir de SOUZA (1999: 27) o que se constata é que o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto. O LD não é visto enquanto veículo ideológico.

Neste estudo buscamos empreender uma análise de quais sentidos são dados pelo livro didático para o termo 'autêntico' e suas implicações enquanto discurso verdadeiro. O sentido de autêntico é principalmente ligado à 'não alteração do conteúdo' (BERWALD, 1986 e KIEMBAUM et al, 1986). Assim, o elemento 'autêntico' está quase que exclusivamente relacionado à produção para falantes nativos, e que para servir como material para uso na sala de aula não deve ser adaptado ou alterado. Verificaremos como esse e outros sentidos produzidos pela noção de autêntico são trabalhadas pelo livro didático de inglês para negócios.

2. A 'autenticidade' como discurso verdadeiro

O discurso sobre a importância da utilização de conteúdo autêntico na sala de aula encontra respaldo tanto na esfera de políticas educacionais como na acadêmica. Como exemplo da primeira, o *Common European Framework of Reference for Languages*ⁱⁱ consiste em um conjunto de diretrizes que estabelece parâmetros didático-pedagógicos para o ensino de línguas estrangeiras na Europa. Segundo sua própria definição, é um guia sobre o quê e como os alunos devem aprender uma língua, e que inclui tanto conhecimentos linguísticos como habilidades a serem desenvolvidos para que os alunos estejam aptos a agir efetivamente. Entre vários pontos em sua ementa, é previsto que um aprendiz de língua estrangeira precisa realizar algumas ações, como por exemplo: ter direta exposição à língua

estrangeira (face a face com nativos, ao ouvir o rádio ou ver a TV, utilizar CD ROMs), ter participação direta em interações comunicativas autênticas com um interlocutor competente, entre outras. Assim, percebemos a presença do ‘autêntico’ como princípio norteador para a efetividade do aprendizado. O discurso do ‘Common European Language Framework’, assim, legitima o discurso dito ‘autêntico’ utilizado nos livros didáticos e no discurso da sala de aula sobre o ensino da língua inglesa.

Um dos livros analisados para este estudo diz ser produzido de acordo com parâmetros dessa ementa:

‘Business Start Up 1 covers competencies from level A1 of the <u>Common European Framework of Reference for Languages</u> and leads into A2. Business Start Up 2 covers competencies from A2 and leads into B1.’ ⁱⁱⁱ

Na esfera acadêmica, ancorada nos princípios da linguística aplicada, a visão de ‘material autêntico’ é bastante aceita, pois acredita-se que uma aprendizagem ideal é aquela que proporciona um contato direto com os falantes do idioma, ou, na falta deste, acesso a materiais produzidos para os mesmos. Em seu artigo, CARVALHO (1993: 118)^{iv} elenca alguns autores^v, abaixo mencionados, que compartilham da ideia não só do que seja material autêntico, mas também de sua importância na aprendizagem de uma língua estrangeira. Para ROGERS e MEDLEY (1988), material autêntico é aquele que reflete um contexto situacional e cultural próprios e, para que os alunos possam aprender a comunicar-se numa língua estrangeira, devem ter um contato tão direto quanto possível com ela, ouvir e ver os nativos a utilizá-la com uma finalidade comunicativa. Na impossibilidade de se deslocarem ao país, o uso de materiais autênticos torna-se pertinente na aprendizagem (WILKINS, 1976; KIENBAUM et al., 1986; ROGERS e MEDLEY, 1988; BERWALD, 1986). Para este último, material autêntico é todo material que não foi adaptado, simplificado e criado para ser ensinado a alunos de línguas, mas aquele escrito ou gravado para um público comum e não particularmente para alunos, ideia também compartilhada por KIENBAUM (KIENBAUM et al, 1986).

Notamos que, nas definições acima, o elemento ‘autêntico’ está quase que exclusivamente relacionado à produção para falantes nativos, e que para servir como material para uso na sala de aula não deve ser adaptado ou alterado.

Faremos um paralelo entre as perspectivas anteriormente descritas sobre material autêntico, e aos sentidos do termo 'autenticidade' segundo o que se apresenta no LDIN. Verificaremos que, através de pelo menos três formas, são produzidos sentidos para esse termo por meio de discursos legitimados, que apagam a historicidade e dão a ilusão de que o sentido é único e que advém de uma fonte única. Passemos, então, à análise do corpus.

Desde uma década, aproximadamente, são bastante presentes, no conteúdo dos LDINs, artigos e exercícios de áudio caracterizados pelo LDIN como 'autênticos'. Teoricamente, e segundo o que postula o LDIN, a presença de material autêntico garante um conteúdo que traz o real dos fatos do mundo dos negócios. Vejamos exemplos da questão da autenticidade em três manuais do professor:

Excerto 1

The Reading texts in *In Company Elementary* have been chosen to involve, entertain and provoke students as well as to contextualise key target vocabulary. They are all based on authentic items taken from the press and Internet, but have been adapted to make them more accessible to learners at this level.^{vi}

No excerto 1, há a afirmação de que o conteúdo do LDIN baseia-se em conteúdo autêntico, ou seja, parte dele, mas não é fiel a ele, pois 'os textos são adaptados para que sejam mais acessíveis aos alunos neste nível'. Ou seja, não é possível afirmar que os textos utilizados nos LDINs sejam autênticos, se tomarmos como definição para 'autêntico' textos que não foram modificados. Portanto, nesse excerto, 'material autêntico', no sentido segundo as esferas política e acadêmica anteriormente delimitadas, é utilizado apenas como base para a produção do discurso do LDIN. Vejamos o próximo excerto:

Excerto 2

One of the principles is that students should deal with as much authentic content as their language level allows. Authentic reading and listening texts are motivating for students and bring the real world of business into the classroom, increasing students'

knowledge of business practice and concepts. Due to its international coverage the Financial Times has been a rich source of text and business information for the course.^{vii}

No excerto 2, o sentido de material autêntico modifica-se: não há menção à adaptação, mas é afirmado que há utilização de material autêntico: '[...] *students should deal with as much authentic content as their language level allows. Authentic reading and listening texts are motivating for students and bring the real world of business into the classroom*'.

Encontramos uma justificativa no LDIN para a utilização de material autêntico: '*Due to its international coverage, the FT has been a rich source of text and business information for the course*'. Ou seja, o sentido que se fixa é que a extensa abrangência do jornal basta para garanti-lo como fonte confiável e, portanto, adequada ao ensino de inglês para negócios.

Para GREGOLIN (2003: 96) "A mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem o imaginário social". O discurso da mídia interfere, portanto, na formação do imaginário dos sujeitos do discurso da sala de aula (alunos e professores), funcionando como parâmetro do que seja correto.

A mídia consiste numa prática social e constitui outras, pois, no mundo de hoje, serve como parâmetro quase que exclusivo de representação destas. Ao veicular fatos sociais, atribui-lhes sentidos que se tornam verdades absolutas e incontestáveis.

Já um outro sentido atribuído à autenticidade refere-se a dizeres de especialistas em diferentes áreas de conhecimento:

Excerto 3

The authentic listening texts are based on interviews with business people and experts in their field. Students develop their listening skills such as prediction, listening for specific information and note-taking.^{viii}

'Autêntico' passa a significar, então, conteúdo baseado em textos (de entrevistas, por exemplo) de conhecedores de áreas específicas ou especialistas ('*business people and experts in their field*'), ou seja, discursos sobre conhecimentos científicos. Portanto, com relação a alguns tipos de atividades do LDIN, a característica 'autêntico' remete a falas e considerações de pessoas especialistas nos assuntos tratados.

Uma terceira forma de autenticidade se baseia na voz popular como base para os exercícios de 'listening', no excerto 4.

Excerto 4

As well as the usual dialogues and narrative extracts, vox populi –ordinary people's views on a particular topic –is a characteristic feature of the recordings. These have been scripted for the sake of clarity, but they do help students in small classes and one-to-one –it's easier to articulate your views when there are other views to support or differ from. The recordings feature both native and non native speaker accents, providing students with extensive exposure to real spoken English.^{ix}

A presença da voz do povo, portanto, também constitui-se como uma das formas de autenticidade. Ainda há a informação de que as gravações contemplarão tanto a fala de nativos como de não nativos.

No excerto 5, reproduzido a seguir, percebemos a questão da naturalidade (grifo nosso) como fator motivador e necessário como parte de um discurso autêntico (já que este tem que visar trazer o 'mundo real'), de modo que uma língua ideal só o é se refletir ('mirror') a língua tal como é falada hoje (apesar dos limites impostos pelo nível do livro^x e vocabulário), porque afirma-se que é assim que os alunos sentem-se motivados (afirmação que também consta no excerto 2):

Excerto 5

The listening material in Business Start Up is designed to mirror natural English, as it is spoken today, despite the obvious constraints of level and vocabulary. Great care has been taken to provide natural, realistic-sounding texts to motivate students and

prepare them for the type of language they'll find in the real world. Both teachers and students will find the listening material refreshing, stimulating and motivating.^{xi}

Identificamos, portanto, pelo menos três formas para o sentido de 'autenticidade' e cada uma define-se a partir de uma materialidade que produz discursos vistos como verdadeiros e aceitáveis. No excerto 4 e 5, é a mídia que constitui o sentido de autenticidade; já nos excertos 3 e 4, respectivamente, profissionais (pessoas de negócios ou especialistas) e pessoas anônimas (*Vox Populi*) que integram o que se entende por autêntico.

Ser 'autêntico' funciona como evidência. O LDIN afirma que suas formulações são 'autênticas' (o discurso da mídia, o dos especialistas e o das pessoas anônimas –incluindo falantes nativos da língua), e estas, mesmo que contraditórias^{xii} funcionam como transparências. São estabilizadas pela categoria 'autêntico' e funcionam livremente: produzindo sentidos considerados adequados.

É nesse sentido que podemos afirmar, baseando-nos em PÊCHEUX (1975: 146), que:

É a ideologia que fornece as evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e que mascaram, assim, "sob a transparência da linguagem", aquilo que chamamos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados^{xiii}.

Essa evidência ocorre por um funcionamento discursivo específico. Ao afirmar que seu discurso é autêntico, o LDIN se coloca numa posição de origem de um dizer apropriado (porque real) e produz a impressão de ser a única forma de conteúdo válido.

Sobre esses efeitos, o autor (*op. cit.*, p. 161 et seq) afirma que o 'fazer sentido' se dá a partir de dois 'esquecimentos': o esquecimento número 1, que é da ordem do sujeito e implica o fato de que este acredita ser a origem do dizer. Já o 2, da ordem da enunciação, acontece quando acreditamos que o que dissemos só poderia ter sido dito daquela forma, e não de outra.

Essa evidência é apenas ilusória, pois o sujeito está inserido na formação discursiva que o constitui e, assim, não percebe que é assujeitado:

O próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (ça parle) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (*idem, op. cit.*, p. 149).

Assim, pela evidência, tem-se e trabalha-se o ‘naturalmente verdadeiro’ dos discursos de forma que a validade desse discurso já está pressuposta.

ORLANDI (1999: 46) afirma que ‘a evidência do sujeito apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia’. A transparência que se forma a partir de material autêntico esconde a sua materialidade e o sujeito esquece que o sentido não se forma ali, mas aquém, o precedendo, ideologicamente e inevitavelmente. A questão é que o uso de material denominado ‘autêntico’ naturaliza sentidos e, por isso, satisfaz as exigências da sala de aula, uma vez que esta precisa trazer discursos tidos como comprometidos com a informação real. O discurso denominado ‘autêntico’, em sua suposta transparência, traz o real dos fatos, como mostram os excertos 2 e 5, com a expressão ‘real world’. O sentido correto e, portanto, a verdade, são criados no momento em que a autenticidade aparece como evidência e produz seus efeitos.

Foucault, ao tratar das regras próprias ao discurso, afirma que uma delas é a da exterioridade, que nos diz que devemos passar do discurso para as suas condições externas de possibilidade, e não tentar ir em busca de seu interior ou seu núcleo para descobrir-lhe o segredo. É o exterior que lhe fixa barreiras, delimita suas fronteiras, ou seja, que o constitui:

[...] parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos, em nossas sociedades, vários lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas –regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber –e por conseguinte podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade. (FOUCAULT, 2005: 11)

O que o autor afirma é que ‘são criadas regras do jogo fora do jogo’: antes de ser jogado, este já possui regras. No momento do jogo, as regras são verdades, evidências, portanto.

O discurso ‘autêntico’ pressupõe trazer o ‘real do mundo’, ou seja, o que traduz os acontecimentos do mundo. E afirma que esse conteúdo é mais apropriado

que os outros. CORACINI (1991: 71) afirma que a tentativa de cercear a criatividade, no plano da expressão lingüística mostra, por parte da comunidade científica, uma tendência ao estabelecimento de uma relação direta entre a expressão lingüística e os fatos reais, postulando o princípio da 'transparência da linguagem'. Ainda acrescenta:

O fato de não se conhecerem as experiências senão através da expressão lingüística em artigos que se apresentam sempre numa dada organização linear, leva a crer na linearidade dos processos (de investigação e de redação) constitutivos do discurso.

As 'sínteses acabadas' a que Foucault se refere e que mencionamos anteriormente são categorias discursivas sobre as quais geralmente não nos questionamos enquanto sujeitos, mas que produzem efeitos evidentes, por pressuporem uma coerência e uma ligação com a verdade, que aqui constituem-se nas implicações do que seja 'autêntico', discutidas a seguir.

O que a questão da autenticidade implica, em um primeiro momento, é que os textos, por partirem de jornais ou revistas de grande cobertura internacional, ou seja, de discursos legitimados para a circulação, correspondam a uma verdade e, antes disso, que existe uma verdade a ser transmitida e compartilhada. Assim, o discurso 'autêntico' ilustra os dois esquecimentos de Pêcheux, pois a mídia e as vozes das pessoas (os discursos considerados autênticos) são vistas como a origem única do discurso e como a verdade deste.

Os sentidos de autêntico e seu efeito enquanto linearidade levam-nos a uma constatação e a um questionamento: apesar de estarmos diante de sentidos contraditórios com relação ao que seria um discurso apropriado no LDIN: material adaptado e material não-adaptado (sem alterações), vozes de especialistas, *Vox Populi*, esses discursos são considerados um bloco homogêneo. O questionamento é: enquanto sujeito aluno, como este é constituído neste entrecruzamento de discursos?

Aos sujeitos da sala de aula, principalmente ao aluno (enquanto sujeito de um saber), o que fica silenciado é que são jornais ou revistas ingleses, ou seja, estão circunscritos a essa região específica (que não constitui-se numa unidade) e trazem a informação a partir da visão britânica (que também não é homogênea) dos conteúdos veiculados. Via mídia britânica, o sujeito- aluno é constituído por um

discurso que embora se denomine homogêneo, não o é, já que apaga a característica de restringir-se a pontos de vista específicos.

Sentidos evidentes são mesmo esperados pelo discurso jornalístico. Nas palavras de CARMAGNANI (2003: 114), 'O discurso jornalístico visa persuadir o leitor de que aquela, a visão do jornal, é a versão que retrata a realidade e a verdade'.

Acreditamos que a questão da autenticidade constitui-se como um dos pontos sobre os quais o LDIN se apóia no sentido de resguardar uma interpretação ou evitar que aquela produzida pelo livro seja questionada e potencialmente refutada e, assim, 'o silêncio trabalha os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer' (ORLANDI, 2007: 74). O material autêntico, assim, passa a ser evidência de sentido. Temos, aqui, o silêncio da origem. Esta não existe, mas ao precisar existir enquanto positividade, encontra-se no conforto da legitimação institucional e, conseqüentemente, social.

Em um segundo momento, faz-se necessário discutir a questão da adaptação: ao mesmo tempo em que o LDIN afirma ter um conteúdo autêntico, também afirma que o adapta para que fique compatível com o conhecimento lingüístico dos alunos. Ou seja, se a definição de material autêntico no início desta seção implica uma não-alteração na notícia e o LDIN afirma que produz modificações, então o material inserido no LDIN já não é mais autêntico. E mesmo que a noção de material autêntico para o LDIN diferisse daquela segundo a visão acadêmica e do âmbito político-educacional, não há um sentido único para ela, o que sucumbe o próprio projeto de trabalhar com autêntico enquanto linearidade e unicidade.

REFERÊNCIAS

- BERWALD, J. P. (1986) *Au courant: Teaching French Vocabulary and Culture Using the Mass Media*. *Language in Education: Theory and Practice* 65, Centre for Applied Linguistics, Washington D. C.
- CARMAGNANI, A. M. Processos de Identificação, mídia e discurso didático-pedagógico. In *Crop. Questões de Linguagem e Identidade*. Revista da Área de Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana do Departamento de

- Letras Modernas/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.-n 1 (1994) São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2003, pp. 105-122.
- CARVALHO, A.A.C.C.A.S. Materiais Autênticos no Ensino das Línguas Estrangeiras. In: *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho. 1993, 6 (2), 117-124. Disponível em:
[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/518/1/1993,6\(2\),117-124\(AnaAmeliaAmorimCarvalho\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/518/1/1993,6(2),117-124(AnaAmeliaAmorimCarvalho).pdf)) Acesso em: 19 jul. 2012.
- CORACINI, M.J.F. *Um Fazer Persuasivo. O Discurso Subjetivo da Ciência*. Campinas, SP: Pontes Editora, 1991.
- FOUCAULT, M. (1979a). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal (2008).
- FOUCAULT, M. *A Verdade e As Formas Jurídicas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.
- GREGOLIN M. R. (org). *Discurso e Mídia. A Cultura do Espetáculo*. Coleção Olhares Oblíquos. Claraluz Editora: 2003.
- KIENBAUM, B, RUSSEL, A. J. e WELTY, S. (1986). Communicative Competence in Foreign Language Learning with Authentic Materials. *Final Project Report*. ERIC reproduction document, ED 275 200
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.
- ORLANDI, E. P. *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- ROGERS, C. e MEDLEY, F. Language with a Purpose: Using Authentic Materials in the Foreign Language Classroom. *Foreign Language Annals*, 21, 5, 1988, p. 467-478.
- SOUZA, D. M. Autoridade, Autoria e Livro Didático. In: CORACINI, M.J.F. (Org.) *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Língua Materna e Língua Estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 27-31.
- WILKINS, D. Classroom Techniques. In: E. R. Baer (ed.). *Teaching Languages*. London: BBC, 1976.

LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

ALLISON, John, et al. In: *Company Elementary. Teacher's book*. Londres: MacMillan Publishers, 2005: 6.

MASCULL, Bill; HEITLER, David. *Market Leader Upper Intermediate Business English Teacher's Book*. England: Pearson Education Limited, 2006.

MASCULL, Bill. *Market Leader Intermediate Teacher's Resource Book*. England: Pearson Education Limited, 2002.

GOMM, Helena, et all. In: *Company Intermediate Teacher's Book*. Oxford: Macmillan Publishers Limited, 2002.

IBBOTSON, Mark; STEPHENS, Brian. *Business Start Up 2 Teacher's Book*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

NOTAS

ⁱ Bacharel, Licenciada e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo. Docente da FATEC – Campus Ipiranga em São Paulo.

ⁱⁱ Facilmente disponível para *download* na Internet.

ⁱⁱⁱ As siglas A1, A2, B1 e B2 referem-se à divisão de níveis pressuposta no Common European Language Framework. A letra 'A' refere-se ao nível comumente chamado de 'básico' e referido na ementa como 'basic user', 'B' ao 'intermediário', referido na mesma como 'independent user'.

^{iv} Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/518/1/1993%2c6%282%29%2c117-124%28AnaAmeliaAmorimCarvalho%29.pdf>>

^v As referências completas dos autores mencionados por CARVALHO (1993) encontram-se na bibliografia.

^{vi} In *Company Elementary. Teacher's book*. 2005, p. 6.

^{vii} *Market Leader Upper intermediate Business English Teacher's book*. 2006, p. 4.

^{viii} *Market Leader Intermediate. Business English Teacher's Resource Book*. 2006, p. 4.

^{ix} In *Company Intermediate. Teacher's Book*. 2002, p. 6.

^x O nível refere-se às divisões da série do livro ao longo do curso, em 'básico', 'pré- intermediário', 'intermediário', 'pós-intermediário' e 'avançado'.

^{xi} *Business Start Up 2. Teacher's Book*. p. 5.

^{xii} O discurso *Vox populi* é, por definição, a voz do senso comum, sem validação científica. Já o discurso dos especialistas são do tipo legitimado institucionalmente.

^{xiii} Nesta citação, a palavra 'enunciado' equivale a 'formulação', da ordem da frase. Já no capítulo 3, o termo 'enunciado' será utilizado segundo o que postula Foucault (1969) –discutido por Deleuze (1988)-, para quem o enunciado é da ordem do repetível e não da frase.